

FRANCISCO JORGE DA COSTA E OS CICLOS ICONOGRÁFICOS PARA O CONVENTO DO SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS

Sandra Costa Saldanha*

O antigo convento carmelita da Estrela encerra um vasto conjunto azulejar, disperso por duas dezenas das suas várias dependências. Produzido durante mais de uma década, entre 1781 e 1792, permite acompanhar as diversas tendências da azulejaria portuguesa de finais do século XVIII, desde as suas características mais tardias, ainda de feição *rocaille*, até à introdução das novidades clássicas.

Principal opção decorativa dos espaços conventuais, entre silhares ornamentais e painéis figurativos, foram poucos os autores que sobre este conjunto se debruçaram. Genericamente associado à profícua actividade da Real Fábrica de Loiça do Rato, que se impôs como a principal fornecedora de todo o país no último quartel do século XVIII, sabemos porém que teve como principal interveniente o azulejador Francisco Jorge da Costa, mestre com obra documentada na Estrela ao longo de onze anos.

*

A participação dos vários artistas que colaboraram no programa ornamental do complexo do Santíssimo Coração de Jesus, encontra-se hoje particularmente documentada, no contexto dos processos regulamentados que envolviam as encomendas da Casa Real. Seleccionados, na sua larga maioria, entre os funcionários afectos à Inspeção-Geral das Obras Públicas (intervindo em edifícios promovidos por esse organismo dependente da Coroa), é possível distinguir, por seu turno, a colaboração de outros mestres, contratados pontualmente, para realizarem obras do seu ofício.

A história do monumento, porém, objecto de diversas interpretações e estudos ao longo dos anos, pode hoje ser complementada, à luz de um conhecimento mais rigoroso dos diversos agentes,

*Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

mestres e artífices envolvidos na sua edificação. Engrossando o elenco dos nomes conhecidos, a documentação compulsada oferece, pois, uma ideia bastante mais fidedigna da dimensão e meios envolvidos na obra. Possibilitando a confirmação de anteriores atribuições, ou descortinando a participação de nomes até então desconhecidos, contabilizámos um conjunto de mais quarenta e três artistas e artífices, trabalhando para o convento e basílica da Estrela, durante mais de duas décadas:

Armador: Fernando António Fidié

Arquitectos: Mateus Vicente de Oliveira, Reinaldo Manuel dos Santos

Azulejador: Francisco Jorge da Costa

Bronzista: Faustino Alz. Guerra

Corrieiros: Manuel Luís, Manuel José de Barros

Douradores: Vicente Ribeiro Alz.º, José Francisco, Vicente Ferreira, Severino António da Silva, Manuel António Vicente

Entalhadores: José António Lisboa, José de Abreu do Ó, Vicente Correia Lage, José Aniceto Raposo, António Nunes Colares, Félix Vicente de Almeida

Escultores: Joaquim Machado de Castro, Alexandre Gomes, João José Elveni, José Joaquim Leitão, Pedro António Avogadri

Estofador: Francisco Xavier Diniz

Estucador: Paulo Botelho da Silva

Ferreiro: João Abraão Kirsch

Fundidores: José Domingues da Costa, Mateus António da Costa

Imaginários: Valentim dos Santos de Carvalho, Nicolau Vilela, João da Vila, Manuel Vieira

Ourives: Joaquim Filipe Duarte, Luís José de Almeida

Organeiro: António Xavier Machado e Cerveira

Pintores: Pompeo Batoni, Pedro Alexandrino de Carvalho, Cirilo Volkmar Machado, Eleutério Manuel de Barros, Joaquim José de S. Payo, José Alves de Almeida, Manuel Cláudio da Costa

Torneiro: Manuel Félix

É pois, neste quadro, que se destaca a figura de Francisco Jorge da Costa, mestre frequentemente citado no contexto da azulejaria portuguesa da 2ª metade do século XVIII. Tradicionalmente associado à actividade da Real Fábrica do Rato, e a encomendas para edifícios régios, a ele se têm imputado inúmeras obras, seja por fonte documental, seja por afinidades de ordem estilística.

Tal como outros intervenientes na Estrela, também Francisco Jorge da Costa foi um dos mais solicitados mestres da casa real, intervindo, simultaneamente, em diversas outras obras. Com efeito, para além de possíveis analogias formais, e algumas atribuições discutíveis, a sua actividade encontra-se documentada em várias empreitadas régias, de que a mais relevante foi o palácio de Queluz, onde colabora desde 1765 - portanto, antes ainda da fundação da Real Fábrica - e para a qual continuará a fornecer azulejos durante a década de 80.

No tocante à sua participação na Estrela, Francisco Jorge da Costa constitui, justamente, um dos nomes elencados entre os registos de pagamentos do convento, e o único associado aos trabalhos de azulejaria. Registos que, desde logo, clarificam quanto à vastidão da obra deixada naquele empreendimento, da análise dos dados apurados, sabemos que só a este mestre foram comprados um total de 63.300 azulejos. Aquisição que correspondeu a uma despesa na ordem dos 2:279\$942 réis, apenas seria superada por aquela auferida por mestres como José de Abreu do Ó (entalhador), Severino António da Silva (dourador), ou Luís José de Almeida (ourives), nas quais se integravam, porém, os valores dos materiais empregues, por norma dispendiosos.

Atendendo, portanto, à possibilidade de uma única proveniência para os azulejos aplicados na Estrela, um aspecto menos claro resulta da análise do conjunto: a sua diversidade estilística. Com efeito, ali se individualizam três gostos de feições estéticas bem distintas, verdadeiro repositório da azulejaria portuguesa de finais de Setecentos:

- **Azulejos tardios:** Marcados pelo emprego de formas *rocaille*, com enquadramentos sobrecarregados de ornamentação, composições livres e de grande leveza. Integram-se numa primeira campanha decorativa levada a cabo no edifício, datável da década de 80.
- **Azulejos transição:** Marcados pela introdução da linguagem clássica, a par de movimentados interiores *rocaille* e sinuosas molduras de concheados. Caracterizam-se pelo emprego de molduras com efeitos em *tromp l'oeil*, aliadas a uma pintura mais expressiva e sólida ao nível do desenho. Integram-se numa segunda campanha decorativa, datável da década de 90.
- **Azulejos neoclássicos:** Marcados pela típica ornamentação de gosto clássico, simetria das composições e tratamento pictórico de grande delicadeza, acentuado pelo predomínio das cores pastel. A escassez de sugestões volumétricas é compensada pelo

carácter gráfico e espontâneo do desenho sobre fundos brancos que, simulando uma abertura na superfície mural, criam um eficaz efeito de espacialidade. Integram-se numa segunda campanha decorativa, datável dos primeiros anos de Oitocentos.

Ora, tão ampla diversidade na obra de um único artista, aliada a alguns aspectos biográficos e profissionais menos esclarecidos, levam-nos a interrogar quanto ao efectivo papel de Francisco Jorge da Costa no panorama da azulejaria portuguesa. Nesse sentido, também João Castel-Branco Pereira questiona as suas atribuições como pintor de azulejos exterior à Fábrica do Rato, sustentando antes a possibilidade de ter sido um azulejador. Na prática, um intermediário que se abastecia na Real Fábrica, ocupando-se “da condução de todo o processo da produção das encomendas que recebia, da medição das paredes até ao assentamento.” (Pereira, 2003: 445).

Mencionado na documentação da Estrela, precisamente, na qualidade de “azulejador” e “ladrilhador”, Francisco Jorge da Costa possuiu, de facto, o cargo de Mestre Azulejador da Casa do Infantado e da Real Casa das Obras. Poderá, portanto, tratar-se do mesmo indivíduo, do “off” de ladrilhador”, morador na Rua das Trinas, recebido na Irmandade de São José dos Carpinteiros a 5 de Outubro de 1777, e falecido a 16 de Julho de 1829.

*

Apesar do vasto conjunto de azulejos aplicados no complexo da Estrela, dois conjuntos apenas se distinguem como ciclos iconográficos de temática religiosa: os da sala de Santa Teresa, representando cenas da vida de Santa Teresa de Ávila; e os da antiga sala do presépio, figurando passos da vida de Nossa Senhora.

Pautados por uma linguagem estilística de feição *rocaille*, compensando essa fantasia policroma e ondulante, a zona figurativa destes conjuntos é mais formal, consequência da cópia directa de gravuras.

Obras integradas na iconografia geral do edifício, os principais assuntos ilustrados no complexo dividem-se, basicamente, em três tipos: temática alusiva à Ordem Carmelita; temas relacionados com a devoção e encomenda do templo e convento; e outros assuntos de cariz religioso, onde se integram temas que não cabem no propósito essencial da construção (Saldanha, 2010).

Será, pois, na chamada sala de Santa Teresa que mais claramente se individualiza a iconografia teresiana no convento do Santíssimo Coração de Jesus. Local que funcionava como em tempos de clausura, observa-se aí a representação de alguns dos principais passos da sua

vida, visões e experiências místicas. De dimensões exíguas, trata-se de um espaço decorado por um silhar de dez painéis, cujas composições foram concebidas a partir da cópia directa de gravuras do álbum *Vita S. Virginis Teresiae a Iesu*. Fonte iconográfica sobre a qual já particularmente nos debruçámos (Saldanha, 2005), a série de Ambers teria aqui um dos seus reflexos mais expressivos.

Mas à escolha dos temas presidiram critérios definidos. No programa iconográfico seleccionado para esta dependência, reconhece-se que ficaram de lado representações tão importantes quanto a *Transverberação*, os *Esponsais Místicos*, a *Coroação* ou a *Morte de Santa Teresa*. Assuntos habitualmente representados noutros conventos da Ordem, e presença obrigatória nas principais narrativas gráficas teresianas, esta ausência pode ser explicada pelo facto dos mesmos episódios se encontrarem ilustrados noutras zonas do cenóbio. Por outro lado, atendendo às dimensões da portaria, a escolha de alguns temas pode também ter sido determinada pela necessidade de adequar os painéis ao espaço.

Ocasionando a representação de episódios menos habituais, entre a rica e vasta iconografia de Santa Teresa, reconhece-se ainda que os assuntos foram agrupados de acordo com a sequência cronológica dos acontecimentos, aspecto que, de resto, segue as gravuras de Antuérpia, iniciando-se a narrativa a partir da porta de acesso ao espaço.

Estilisticamente semelhantes aos anteriores, os painéis que preenchem a primitiva sala do Presépio, apresentam um programa iconográfico de invocação mariana, figurando passos da vida da Virgem. Temática apropriada à primitiva função do local, ali se conservou, até 1891, o célebre presépio de Joaquim Machado de Castro (Pais, 2004: 38).

Obras uma vez mais filiadas em fontes gravadas, reconhece-se o recurso sistemático a modelos compositivos sobejamente conhecidos.

Entre as gravuras adoptadas, sem dúvida que a que maior popularidade colheu foi aquela plasmada na representação da *Anunciação*, repetida, quase sem variações, em inúmeros locais por todo o país. Aberta em 1741 - e mais tarde, por Guilherme Debríé (1751) e Joaquim Carneiro da Silva (década de 80) - foi particularmente difundida na segunda metade do século XVIII, servindo de fonte a diversas composições, tanto em azulejo (santuário de Nossa Senhora dos Milagres, Dois Portos; capela de Nossa Senhora da Purificação, Sirol; igreja de São Quintino, Sobral de Monte Agraço; capela de Nossa Senhora do Monte, Lisboa; convento da Estrela, Lisboa; mosteiro de Nossa Senhora da Saudação, Montemor-o-Novo), como em pintura (igrejas lisboetas de Santa Cruz do Castelo, Penha de França ou Nossa Senhora das Mercês).

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Ayres de (1979) - *Os três arquitectos da Ajuda: do "rocaille" ao neoclássico*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- CARVALHO, Cristina Silva (1995) - *Os azulejos de Santa Teresa de Ávila na Basílica da Estrela: projecto museológico* [texto polycopiado] Lisboa: [s.n.] Trabalho curricular do curso de pós-graduação em Museologia e Património apresentado à Universidade Lusíada de Lisboa.
- COLLAERT, Adriaen; GALLE, Cornelis (1613) - *Vita B. Virginis Teresiae*. Antuérpia: Apud Adrianum Collardum et Cornelium Galleum.
- COLLAERT, Adriaen; GALLE, Cornelis (1630) - *Vita S. Virginis Teresiae a Iesu Ordinis Carmelitarum Excalceatorum pia restauratricis*. Antuérpia: Apud Ioannem Galleum.
- FERRO, Maria Inês (1997) - *Queluz, o Palácio e os Jardins*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- GARCÍA, M. Herrero (1945) - El grabado al servicio de la mística. *Revista de Ideas Estéticas*. Madrid: Conselho Superior de Investigações Científicas - Instituto Diego Velazquez. N.º 11, Vol. III, p. 341-349.
- GUEDES, Maria Natália Correia (1971) - *O Palácio dos Senhores do Infantado em Queluz*. Lisboa: Livros Horizonte.
- JESUS, Juan Bosco de (1995) - Las vidas gráficas de Santa Teresa en el grabado Barroco. In *Catálogo de la exposición Castillo Interior: Teresa de Jesus y el siglo XVI*. Ávila. p. 367-373.
- PAIS, Alexandre Nobre (2004) - *Presépio da Estrela*. Lisboa: Instituto Português de Conservação e Restauro.
- PEREIRA, João Castel-Branco (2003) - Notícias para a história dos azulejos na Real Fábrica de Louça. *Real Fábrica de Louça, ao Rato*. Lisboa: Instituto Português dos Museus. p. 436-447.
- PIRES, António Pequito Caldeira (1924-1926) - *História do Palácio Nacional de Queluz*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- QUEIRÓS, José (1948) - *Cerâmica Portuguesa*. Lisboa. 2ª ed.
- SALDANHA, Sandra Costa (2005) - Fontes para a iconografia teresiana no convento do Santíssimo Coração de Jesus à Estrela. *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa. N.º 21, p. 101-126.
- ___ (2008) - *A Basílica da Estrela: Real Fábrica do Santíssimo Coração de Jesus*. Lisboa: Livros Horizonte.
- (2009) - Entalhadores e carpinteiros, concorrentes e parceiros - O mobiliário religioso da basílica da Estrela. In MENDONÇA, Isabel; SALDANHA, Sandra Costa (Coord.) - *Mobiliário Português*. Actas do I Colóquio de Artes Decorativas. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva.
- ___ (2010) - Iconografia Carmelita no Convento do SS. Coração de Jesus à Estrela: Imagens e Paradigmas Escultóricos Setecentistas. *Lisboa e as Ordens Religiosas*. Actas do Colóquio de História da Arte. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

___ (2012a) A escultura da basílica da Estrela. In RODRIGUES, Ana Duarte; FRANCO, Anísio (Coord.) - O Virtuoso Criador: Joaquim Machado de Castro (1731-1822). Cat. da exposição. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga - Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 178-181.

___ (2012b) - *Alessandro Giusti (1715-1799) e a Aula de Escultura de Maфра* [texto policopiado] Coimbra: [s.n.] Tese de Doutoramento em História, variante História da Arte apresentada à Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. 2 Vols.

SANZ, Carlos, Ed. (1962) - *Estampas de la vida de la Santa Madre Teresa de Jesús*. Madrid (*fac-símile* da 1ª ed. Amberes, 1613).

SEBASTIÁN, Santiago (1982) - Iconografía de la vida mística teresiana: homenaje en el cuarto centenario. *Boletín del Museo e Instituto Camón Aznar*. Zaragoza: Museo e Instituto Camón Aznar. T. X, p. 15-37.

SIMÕES, João Miguel dos Santos (1979) - *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NOTAS

1. É desde logo José Queirós quem, no início do século XX, sugere que dali terão saído “os azulejos para os alizares das capelas contíguas ao cruzeiro, do lado da Epístola, e outros que guarnecem o templo” (Queirós, 1948: 94). Com abordagens à azulejaria da Estrela, veja-se também Simões, 1979: 195; Pereira, 2003: 458-461.
2. Elementos apurados na documentação da Intendência das Obras Públicas, referente à obra da basílica e convento da Estrela. Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo - *Intendência das Obras Públicas*, Livro-Diário, N.ºs 96, 97; Livro dos Credores das Reais Obras Públicas, N.ºs 167, 168. Alguns destes dados, e respectivas fontes, foram já publicados em Saldanha, 2008, 2009, 2012a, 2012b.
3. Cf. documentação e dados apurados por Pires, 1924-1926; Guedes, 1979: 131, 178 e 307; Ferro, 1997.
4. Atendendo a que cada azulejo lhe valia a quantia de 36 réis. Nesse mesmo período, os valores mais comuns de um azulejo de padronagem da Real Fábrica do Rato variava entre os 12 e os 13 réis. Valores conhecidos para o período de administração de João Anastácio Botelho de Almeida, entre 1780 e 1816, referidos por Pereira, 2003: 438.
5. É assim designado a 8 de Abril de 1796, data em que serviu de fiador ao mestre pedreiro Francisco Fernandes, para construção do muro da cerca das religiosas do convento dos Cardais. Cit. Carvalho, 1979: 67.
6. Irmandade de São José dos Carpinteiros - Vol. 3, fl. 150. Cit. Pereira, 2003: 445.
7. A que poderão acrescentar-se alguns painéis isolados, de temática carmelita, nomeadamente no coro-baixo (*Santo Elias e Nossa Senhora do Carmo*) e antiga cozinha.
8. Quanto à utilização desta gravura, de assinalar ainda a existência de uma outra anterior, numa pagela datada de 1741-42.